

A preferência, agora, recaiu sobre os «mini-bus», sobretudo quando têm música de cassetes



Tentando «contra-atacar», a ROMOS tem posto autocarros seus a circular nas principais vias frequentadas pelos «chapa-100»...

"CHAPA-100"

DE NOVO A CONQUISTA DOS TRANSPORTES

**...e algo mais que uma mera "etapa-ebulição"
dos transportadores ilegais**

por Almiro Santos (texto) e Carlos Bernardo (fotos)

A aventura dos transportes recomeçou. Foi logo depois de nos instalarmos numa carrinha «chapa-100», às cinco da tarde, que nos apercebemos até que ponto a «Ronil» se transformou no epicentro dos transportadores, legais e ilegais. É ali onde tudo começa: o «business-car» — compra e venda de viaturas — e a aventura que é a «luta» intestina para conquistar o mercado deixado em aberto para o transporte de passageiros, de e para

os bairros que circundam Maputo. Na mira, o direito de transportar o cidadão-passageiro, colhendo, de passagem, os lucros que tal actividade proporciona. Nas entrelinhas, uma estranha atracção pelo movimento que faz do Cemitério São Francisco Xavier um desses locais onde ninguém tem medo de estar à meia-noite. São princípios que se quebram, num universo de contrastes, de chantagens e, sobretudo, de «dinheiro-na-mão»...

Chovia e o trânsito era intenso naquela hora.

Ao atravessar a avenida Karl Marx uma senhora quase que é atropelada por um daqueles carros velozes. Era um luxuoso «BMW», automático. Acossada pelo susto, a senhora espalha um saco de batata na rua.

Não tem tempo para as recolher.

Uma multidão cai sobre as batatas e a senhora tem que disputar um estranho jogo, tentando recuperar o maior número de tubérculos. Entretanto um congestionamento se regista por detrás da senhora das batatas.

No pequeno vão que fica entre as duas faixas da avenida Karl Marx já não há lugar para estacionar, se quer, uma daquelas carrinhas

«Hilux», há tempos a viatura predilecta para aquela «população» de passageiros.

A chuva aumenta de intensidade.

Molhadas até aos ossos, as pessoas refugiam-se no exíguo alpendre que serve de paragem para os autocarros dos TPU que fazem a carreira «26». Enquanto isso, as buzinas aumentam como não há, à vista, nenhum sinal proibitivo,

pelo menos não se trata de um ultraje aos mortos que «descansam» no Cemitério São Francisco Xavier, situado mesmo ali ao lado.

Uma carrinha de caixa aberta, «Mazda», estaciona no local destinado aos autocarros das carreiras «Expresso». Aquele é um dia de muito movimento e nem todos os «chapas» chegam para dar conta do recado.

Como se trata de um dia chuvoso, os «mini-bus» são positivamente assaltados pelas pessoas molhadas. A chuva não para e, a cada instante, parece aumentar de intensidade. A luz dos semáforos reflecte-se no asfalto molhado das duas avenidas, a Eduardo Mondlane e a Karl Marx.

Do outro lado da avenida Eduardo Mondlane, o estabelecimento que baptizou aquela pequena praça a «Ronil». É um agente de automóveis como o «Morris», segundo se depreende dos caracteres que, sob a chuva, se podem ler.

Da faixa do Cemitério, onde param os «Expressos», uma pequena multidão, compacta, está de mãos estendidas para um indivíduo de esferográfica em punho. É que, muito antes de chegar o autocarro, os bilhetes são numerados, por forma a que a bicha obedeça à ordem numérica. É um modelo de auto-organização, muitas vezes praticado por iniciativa dos próprios passageiros.

Nesse momento, chega um autocarro «Expresso». O seu motorista já reclama, numa sucessão de estrondosas buzinas, o lugar destinado ao machibombo, agora ocupado pela carrinha de caixa aberta, «Mazda».

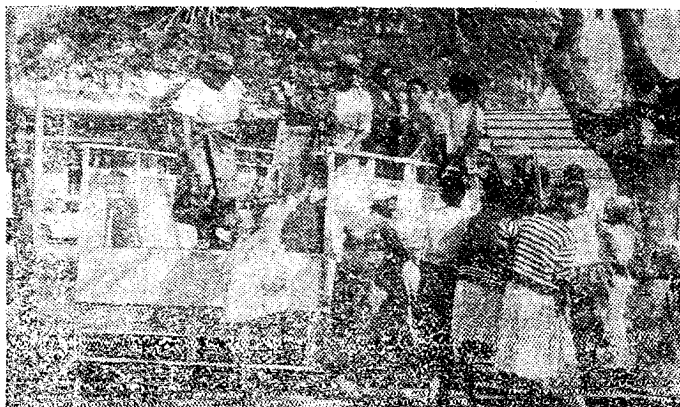
Com a pressa, o motorista de «Chapa-100» deixa o carro ir-se abaixo, enquanto o do «Expresso» continua, impiedosamente, a premer o «claxon», agora incitado pela pequena «população» de passageiros, molhados até aos ossos.

Abandonado, o motorista de «chapa-100», mais o seu cobrador, não têm outra alternativa sendo dar uma «chova» ao «Mazda», a fim de que o autocarro estacione no seu lugar. Por essa altura, os passageiros já se encontram com a roupa sobre a pele, devido às bategas que insistem em cair.

Afinal, a numeração de nada serve. Alguns protestam, com a veemência permitida pela chuva, enquanto que outros parecem satisfeitos com a situação. Os estudantes, agora que têm passes escolares e com eles pagam somente 25 meticais, assaltam o homem que corta os bilhetes.

A chuva, essa, continua a cair.

Uma senhora solta um grito. Alguém se apoderara do seu porta-moedas. A partir daí regista-se uma grande confusão, com a senhora a reclamar ao fiscal que se suspenda a entrada de passageiros a fim de que se faça uma revista.



Para subir e para descer, sempre em posições incômodas. A conquista não tem limites



O «diálogo» que se repete: o agente e o motorista



... Só que a solução parece ser cosmética, pois, a actividade não pára e, volta e meia, as carrinhas partem cheias



Fazendo a cobrança, depois da qual o «passageiro» está habilitado a entrar para um verdadeiro mundo de aventuras

Deixa-me trabalhar — reclama o fiscal, sacudindo a mão da senhora da carteira subtraída. Assim, sem obedecer à numeração, o fiscal continua a cortar os bilhetes. Entretanto, a senhora, vítima de roubo não desiste e continua a insistir: quero o meu dinheiro. Eram quinze contos.

São esses miúdos que vendem «chulgas» — solidariza-se alguém, fora da confusão. Mais ninguém dá importância às reclamações da senhora, agora choramingona: quero os meus quinze contos!

Do outro lado da avenida Karl Marx, chegam dois autocarros da ROMOS. Formam-se duas bichas e o cobrador sai, peremptório: não atendo ninguém. Até encher aquele carro.

Falou a voz da autoridade. Quem manda é o cobrador e os passageiros tiveram que aguardar, debaixo da chuva. O bilhete custa cinquenta meticals. Há quem diga que o aumento, de quarenta para cinquenta, se deveu ao facto de a empresa querer facilitar o troco.

Pronto. O primeiro autocarro está cheio.

Deixando uma longa fumaça atrás, o machimbombo da ROMOS, com destino à Zona Verde, parte e deixa uma grande confusão. Toda a gente que apanhar o autocarro o mais cedo possível. Assim, duas opções: ou a pneumonia ou o machimbombo.

Uma vez que as pessoas se empurram e não há meio de organizar uma fila, o cobrador, mais uma vez, decide, ainda dentro do autocarro: ou se organizam ou agente vai embora. Mas a confusão é tanta que ninguém o ouve.

Depois de meia dúzia de passageiros passarem para lá da barreira formada pelo motorista e pelo cobrador, a porta é fechada e trancada. O primeiro aviso, uma aceleração que reduz a uma enorme nuvem de fumaça. Outra aceleração, em jeito de segundo e último aviso: ou se organizam numa bicha, ou a gente vai embora.

A fila não é formada e o motorista acelera pela terceira vez, que «também» é a última. Desta vez, a espessa nuvem de fumo branco desaparece com o autocarro, que apanha o semáforo com a luz verde.

Entre as convulsões e a tosse sugerida pelo fumo, os passageiros, frustrados, refugiam-se, de novo, debaixo do alpendre do prédio. Estes não conhecem o que é a

população — desembrolha o mais frustrado dos passageiros gorados.

Pouco depois, aparece um daqueles «chapa-100» mini-bus. Dos dois lados da avenida Karl Marx, dois grupos disputando a oportunidade de viajar sem apanhar uma molha. A disputa não dura muito, uma vez que a capacidade de absorção de um «mini-bus» é bastante limitada.

Então, tratando-se daquele, com música e tudo, mesmo em dias não chuvosos a procura e a preferência recaem sobre o «Mercedes» de cerca de trinta lugares, pelo menos para albergar passageiros sentados, comodamente, a escutar os últimos lançamentos da Madonna e a ainda sobrevivente «Ani, Ani», de Rui Duna.

Depois de as carrinhas de pequena tonelagem, como as «Hilux», terem dominado o mercado, a vez agora é dos «mini-bus». Em situações normais, como nas horas mortas, até existe a opção de viajar naqueles que têm música de cassetes.

Os vendedores de cigarros e de «chewing-gun», que geralmente apreçoam os seus produtos em redor dos «chapa-100», são compridos de encontro à paredes das montras da mobiladora e da barbearia. Nem por isso a chuva lhes estraga o negócio.

DINHEIRO NA MANGA...

Numa outra ocasião, já sem a implacante chuva, uma «Land Rover» estaciona no já reconhecido vão da avenida Karl Marx. É a terminal da «Ronil». As onze horas, o movimento ainda não justifica grandes aparatos no parque automóvel do «chapa-100».

Uma chapa com a indicação «Táxi» está precariamente presa na grelha da viatura. Sem levar os doze passageiros de que tem capacidade a «Land Rover» arranca entre gemidos e indicações claras de se ir desconjuntar com um simples espirro.

Como os amortecedores não existem, os passageiros vão aguentando as cargas conforme podem e permite os barulhos que vêm de todos os lados: do tejadilho, do motor, das janelas, das portas e até do próprio motorista que, curiosamente, consegue fazer com que a sua voz se sobreponha à estranha sinfonia.

O motorista fala de tudo um pouco, sem sequer se dar ao trabalho

de saber se está a ser integralmente escutado. Para conseguir passar num semáforo que, entre tanto, já mudava a luz, do verde para o amarelo, o «Land Rover» é acelerado e o receio dos passageiros aumenta, no que diz respeito à teoria da desconjunção.

No último instante, a luz muda de amarelo para vermelho e o motorista falador aplica os travões a fundo, depois de uma angustiante sessão de bombagem.

Estes carros precisam de bombear, primeiro. Mas travam bem, não travam? — assim, os passageiros passam a conhecer algumas das qualidades da «Land Rover», que apesar de velhinho, ainda anda bem.

O primeiro controlo de trânsito. Um gesto do agente, autoritário, e o motorista encosta ao lado de uma outra carrinha, cujo «piloto» está a ser autuado, algures, sob as árvores que estão junto da Entreponto Comercial.

De novo uma angustiante sessão de bombagem e a «Land Rover», finalmente, se imobiliza. Quando passei dei quinhentos «paus». Agora, querem mais quinhentos «paus». Assim não dá — desabafa o «chauffeur», metendo uma nota azul entre os documentos.

Destacando os nós do arame que segura a porta, o «piloto» desce e dirige-se ao agente da Polícia de Trânsito que o mandou parar. Não chega a demorar muito. Talvez uns três minutos. Quando volta, não trás nenhuma multa à vista. Mete os documentos no bolso e põe o «Land Rover» em marcha.

— Estava a pedir pão ao polícia e, sabem o que ele disse? — depois de engatar a quarta, volta de novo ao assunto do pão — disse: você não tem vergonha pedir pão ao polícia. Um branco assim. E eu respondi, mas pedir é mau? Eu ajudo você e você ajuda a mim...

O «BUSINESS.CAR» E OS OUTROS INDETERMINADOS

Quer uma carrinha 2 000? — Dentro de uma outra carrinha, mas 1 800, não se consegue descortinar bem o autor da pergunta. Mesmo assim, o motorista, que está mais próximo do «vendedor», emperga-se pela janela e pergunta, por sua vez: tem matrícula de cá?

Uma outra ocasião e uma outra proposta:

Tenho óleo de motor — o motorista de «chapa-100, estacionado

na «Ronil», desliga a chave de ignição do seu «Hilux» e, hesitante, consulta o seu cobrador, grudado na carroçaria da camioneta.

Os olhares parecem substituir as palavras. Estão ambos desconfiados. Pode ser que o óleo não seja o azul — aventa o motorista, ainda hesitante. Não, chefe, é o azul.40. Olha está ali — e aponta para a árvore que se encontra mesmo ali ao lado.

No fim de muitas hesitações, motorista e cobrador decidem andar com o carro sem óleo. Podia comprar um ou dois litros. São quatrocentos o litro, não é? Mas não tenho dinheiro, ainda não fizemos nada. Quando vinha para cá tive que deixar alguma «massa» na Entreponto. E depois, os gajos também estão no Jardim...

Ainda uma outra situação, numa ocasião:

Depois de algumas manobras a fim de arranjar um espaço para estacionar, uma carrinha é parcialmente assaltada por passageiros, enquanto o ajudante anuncia repetitivamente: Benfica, Benfica, Benfica...

Depois de os passageiros se ajoitarem nos tapais do veículo, o motorista é assediado por dois indivíduos que propõem: Temos umas chapas para carregar até à Malhangalene. Não estão longe, chefe, estão mesmo ali, na esquina. É só carregar e ir descarregar. Isso não demora.

Ante a hesitação do motorista, os indivíduos insistem: não há polícia não há nada. E depois, são só quinze minutos. O motorista parece ceder e pergunta, por seu turno: quanto é que vocês me dão?

Depois de algumas ofertas, fica definido que o transporte das chapas, do local indeterminado para outro local indeterminado, será feito por dois mil meticals. Agora, a questão era a dos passageiros que já se encontravam acomodados nos tapais da carrinha.

Mas, sem precisão de multa diplomacia, os passageiros são convencidos da necessidade de ir à Malhangalene: hei-de vir buscar. vos, agora. Podem estar descansados que hei-de reservar lugar para vocês que estavam aqui à frente.

E abalou, em direcção ao negócio indeterminado...

O INICIANTE E O PASSAGEIRO

Estava estacionado na «Ronil», à espera de passageiros. Como estes não aparecessem, aquela hora,

(dez da manhã) conversou, mas não deu trela para muita bula-bula. Não vá isso comprometer o seu negócio.

Disse que deixara o cargo de motorista, no Ministério da Informação, para descansar. Fazia «chapa-100» desde há três meses, no carro que era do seu tio. A carrinha, com matrícula da Beira (MBF), não estava lá em grandes condições, mas mesmo assim assegurava: nunca tive nenhum problema de passageiros que tivessem caído do meu carro.

Já recebeu várias multas, todas de dez contos cada, por excesso de passageiros. As multas, segundo as suas próprias declarações, foram pagas no Comando da Polícia de Trânsito da cidade de Maputo.

Eu só ando, não tenho horário preferido e vou tanto para a Benfica (George Dimitrov) como para o bairro Patrice Lumumba.

Arone Joaquim, por seu turno, é um passageiro, só que daquela vez estava à espera do «Expresso». Morador de Magoanine, há muita coisa que não compreende, por que será que a nossa polícia não age e deixa eles passarem? As vezes são mandados parar, mas depois seguem. O que se passa?

O que se passa é que neste momento a aventura dos transportes reconheceu, os mitos em redor de um cemitério foram quebrados e, acima de tudo, o dinheiro corre a rodos, em alguns casos, debaixo da manga do casaco, ou entre os li-vretes de circulação...

As "police-women"

Neste mundo já consagrado como «chapa-100», encontramos alguns agentes na Polícia de Trânsito. Nada chamaria a atenção, não fosse pelo facto de termos constatado uma certa simpatia e alguma boa educação no modo como interpellam os motoristas, contrastando com aquilo que alguns Police-Men nos habituaram.

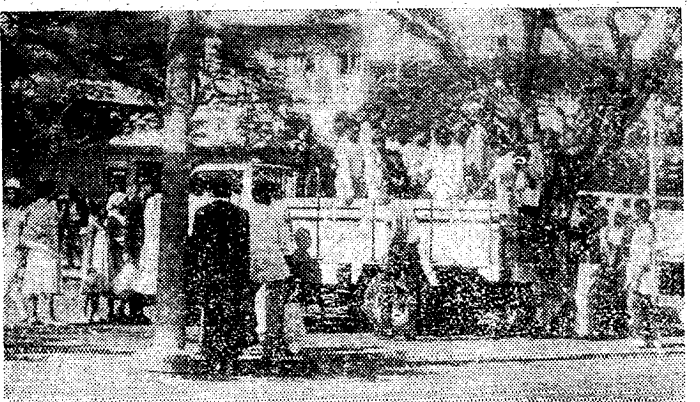
Também não mereceria registo não fosse, ainda, pelo facto de nos terem segredado (alguns «chapeiros») que com as «Police-Women» não se brinca. Elas actuam a valer e não estão com cantigas mansas, não.

E caso para dizer que elas sorriem, são simpáticas, mas não dão o braço a torcer...

A. S.



Todo o tipo de carro serve



Uma das «terminais» do «chapa-100»